

China adota 'operação tartaruga' para exportações dos EUA **A9**

Gradiente entra em recuperação judicial **B6**

Futuro representante do Brasil na OMC, Parola vê risco de o órgão deixar de existir **A2**



Valor

ECONÔMICO

Destaques



Missão impossível

Cuidar da imagem de um dos presidentes mais impopulares da história é o trabalho do marqueteiro Elinho Mouco, tarefa que recebeu em razão da amizade de 20 anos que o une a Michel Temer. De uma loja de roupas no interior paulista a uma sala exclusiva no Planalto, seu caminho foi pavimentado pelo apoio do presidente. Repasses à agência de propaganda de seu irmão cresceram 80% na atual gestão. A revista "Época" circula hoje para os assinantes do Valor.

Destinação polêmica aos royalties

Aumento da receita de Estados e municípios com royalties do petróleo, devido ao incremento da produção no pré-sal e à elevação dos preços da commodity, tem sido destinado a custear despesas correntes, como o pagamento de aposentadorias, e também para o aumento de gastos com pessoal e custeio. **A5**

Embate entre os Odebrecht

Com a provável indicação de Newton de Souza à presidência do conselho da Odebrecht, Marcelo Odebrecht voltou à carga contra o executivo, apurou o Valor. A indicação, no entanto, é dada como certa e está sendo vista dentro da empresa com um sinal de Emílio Odebrecht para mostrar que o filho não tem mais poder de mando no grupo. **B2**

Registro de defensivos na berlinda

Polêmico e contestado sobretudo pelos órgãos de saúde e meio ambiente do governo, projeto de lei em discussão no Congresso para agilizar o registro de agrotóxicos no país, defendido pela bancada ruralista e pelo agronegócio, passou a ser alvo de críticas até do Ministério da Agricultura. **B12**

Retomada do crédito ainda é fraca

Após oito trimestres em queda, a carteira de crédito dos quatro maiores bancos do país voltou a apresentar crescimento anual. Mas para quem esperava uma retomada mais vigorosa, o resultado decepcionou. O saldo dos financiamentos concedidos por Banco do Brasil, Itaú, Bradesco e Santander somou R\$ 2,1 trilhões, alta de 0,6% sobre março de 2017. **C1 e C4**

O desabamento

"O desabamento de 1º de maio mostrou que a ocupação era tanto um meio de vida para lideranças quanto um meio de poder. Expôs o Estado paralelo e invisível que governa o país, consequência de um poder desregulado, fora do marco legal, intimidador, instrumento de coação tanto do governo quanto dos pobres", diz o sociólogo José de Souza Martins. **EU& Fim de Semana**

Ideias

Petrobras volta a atrair investidor estrangeiro

Renato Rostás, Fernando Torres, Camila Maia, André Ramalho e Juliana Machado
De São Paulo e do Rio

Depois de sofrer durante vários anos os efeitos dos escândalos de corrupção investigados pela Operação Lava-Jato, da recessão no Brasil e da queda dos preços do petróleo, a Petrobras reduziu a dívida em mais de 20% e suas ações voltaram a ser procuradas por investidores estrangeiros. Apesar disso, os papéis da estatal ainda são adquiridos com desconto de 40% em relação aos de suas principais competidoras no mundo.

No primeiro trimestre, o lucro da empresa antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) só perdeu para o da Shell, na comparação com outras cinco grandes empresas estrangeiras que já publicaram

balanço. Em dólar, o Ebitda da Petrobras atingiu quase US\$ 8 bilhões de janeiro a março, acima do resultado da Total (US\$ 7 bilhões) e da Chevron (US\$ 7,8 bilhões) e pouco abaixo do da BP (US\$ 8,5 bilhões). A Shell foi a que se saiu melhor (US\$ 14,5 bilhões), seguida pela Exxon-Mobil (US\$ 9,15 bilhões).

A comparação de rentabilidade é mais favorável à Petrobras. Considerando o Ebitda sem efeitos não recorrentes, como baixas contábeis ou despesas extraordinárias, teve margem de lucro de 34% no trimestre. Isso significa que 34% do que a empresa faturou transformou-se em Ebitda. A segunda mais lucrativa foi a Chevron (23%), seguida por Shell e Total, com 17%, e BP e Exxon, com 14%.

A força da Petrobras está na produtividade da extração de óleo. A estatal tem se concentrado cada vez mais nos ativos do

pré-sal, onde o custo de produção está em queda. Por isso, entre as seis petrolíferas, embora a estatal brasileira seja apenas a quinta em produção, o resultado operacional é semelhante ao da maioria e a margem de lucro, maior.

O mercado financeiro olha para a relação entre o valor das companhias — considerando o preço das ações e as dívidas — e a geração de caixa. Nessa relação, os investidores ainda pagam até 40% menos pelos papéis da Petrobras. Alguns analistas criticam esse desconto, mas outros citam as incertezas políticas para justificá-lo. Na bolsa de Nova York, ontem, a ação da estatal foi a terceira mais negociada, com alta de 7,14%. Na B3, a ação ordinária (com direito a voto) avançou 6,1%. O grande volume de negócios com o papel da empresa mostrou a volta dos estrangeiros. **Páginas B1, B3 e C2**

Recuperação judicial pode afetar o grupo

Fabio Graner, Joice Bacelo, Laura Ignácio
De Brasília

A proposta da nova Lei de Falências enviada ao Congresso pelo governo trouxe entre suas inovações a possibilidade de a recuperação judicial de uma empresa ser estendida ao grupo econômico ao qual pertence caso a Justiça considere o risco de esvaziamento patrimonial da companhia em recuperação.

O projeto vem sendo criticado por advogados da área. Um dos pontos mais sensíveis é a possibilidade de o Fisco pedir a falência de empresas que devem tributos. Há entendimento de que, se a proposta prosperar como o texto está hoje, haverá mais chances de as empresas quebrarem do que se recuperarem. Um grupo de profissionais iniciou movimento para tentar barrar a aprovação de pontos considerados sensíveis. **Página E1**

Luta pela diversidade já dá resultados

Carlos Rydlowski
Para o Valor, de São Paulo

Uma série de ações em torno da questão racial no Brasil colhe bons resultados na luta contra a desigualdade. Pesquisa do Instituto Locomotiva revela que o tempo médio de estudo dos negros aumentou de 5,9 anos, em 2002, para 8,6 anos, em 2015 (35%). Entre os não negros, a elevação foi de 22%. O percentual de negros e pardos com diploma de graduação dobrou entre 2007 e 2015.

Além disso, 75% das pessoas que ascenderam à classe média na última década eram afro-descendentes, mas parte dessa escalada foi comprometida com a recessão. Levantamento do Instituto Ethos, no entanto, mostra que os negros ocupam apenas 4,7% dos cargos executivos e 6,3% dos postos de gerência nas 500 maiores empresas do Brasil. **EU& Fim de Semana**



Raphaela Martins, gerente da J. Walter Thompson: os negros em postos estratégicos na agência passaram de dois, em 2014, para 30

Oferta pela Eletropaulo divide sócios da Neoenergia

Graziella Valenti e Camila Maia
De São Paulo

A menos de um mês do leilão de venda da Eletropaulo na bolsa de valores, os sócios da Neoenergia, uma das principais interessadas na disputa,

Governo teme contágio comercial da Argentina

Daniel Rittner e Marii Olmos
De Brasília

Não será nada desestabilizador, segundo autoridades do governo brasileiro, mas a crise cambial na Argentina afetará, sim, o Brasil. Os canais comerciais serão os mais prejudicados, pela desaceleração das exportações de manufaturados ao país vizinho e pelos reflexos na negociações do acordo en-

Na General Motors, que há mais de um ano unificou as operações de Brasil e Argentina, a preocupação é com a desvalorização das moedas. Segundo o diretor financeiro da GM Mercosul, Roberto Martin, o enfraquecimento do peso e do real pode interromper um processo que havia garantido lucros à companhia na região desde o terceiro trimestre de 2017.

O executivo argentino disse ao

Alertas de bancos ajudam Polícia Federal

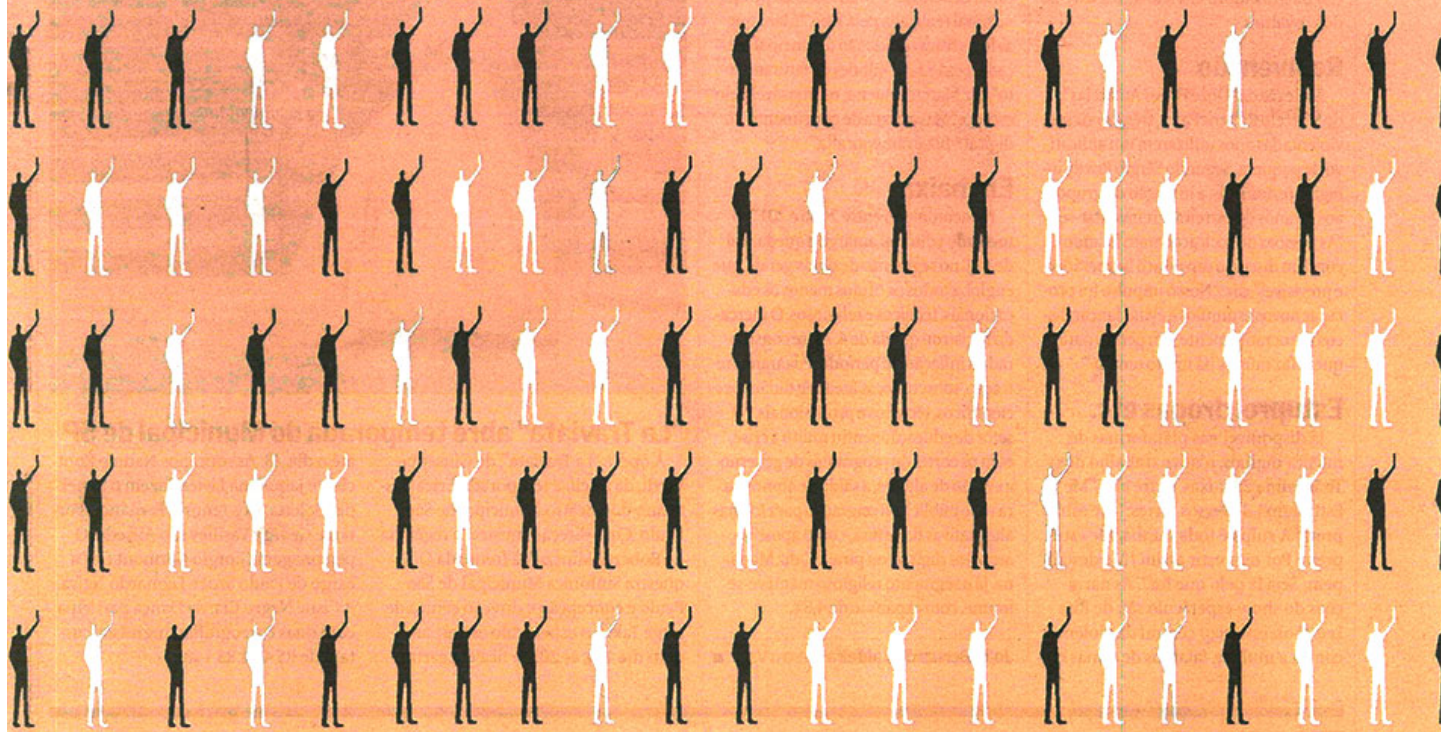
Maria Luiza Filgueiras
De São Paulo

Os alertas de bancos, corretoras e seguradoras ao Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) quadruplicaram em três anos — de 382 mil para 1,52 milhão —, em razão do aumento de controles para prevenção da lavagem de dinheiro. Neste ano, a maior alta foi

Valor

EU &

FIM DE SEMANA



A VOZ DOS NEGROS

Outras formas de abordar a questão racial no Brasil ganham força, e os resultados já podem ser sentidos



Imprimir

REPORTAGEM DE CAPA

SILVEIA CONSTANTINI/VALOR



Da esquerda para direita: Raphaella Martins, publicitária; Maria Gal, atriz e cineasta; Fernando Montenegro, executivo de pesquisa de mercado; Patrícia Santos, executiva de RH; AD Júnior, influenciador digital e ativista; Lelia Luz, relações públicas; Ricardo Gonçalves, executivo da área de TI, e Douglas Belchior, fundador da Uneafro

Novas faces da negritude

Ganham força outras formas de abordagem da questão racial no Brasil, e seus resultados já podem ser sentidos na luta contra a desigualdade. Por **Carlos Rydlewski**, para o Valor, de São Paulo

Desde já, uma advertência: esta reportagem contém pequenos testes. Mas não se assuste. Eles são de simples solução, ainda que tragam conclusões complexas. Eis o primeiro. Em um ambiente de caráter mais elitista, olhe ao redor. Conte quantos negros o espaço acomoda. A resposta será alguma coisa entre zero e pouquíssimos. Não estranhe, porém. No Brasil, tal vazio é, por assim dizer, comum. Aliás, os afrodescendentes, que compõem a maioria da população brasileira e são 55% do total, fazem o mesmo exame. Eles o chamam de “teste do pescoço”, em referência à parte do corpo que gira para os lados, como um periscópio, durante esse tipo de inspeção. O resultado, todos sabem, é invariável e historicamente o mesmo.

Levantamentos de toda sorte confirmam a prevalência de brancos nesses locais no Brasil. Uma pesquisa do Instituto Ethos, só a título de exemplo, mostra que os negros ocupam apenas 4,7% dos cargos executivos e 6,3% dos postos de gerência nas 500 maiores empresas do

Brasil. No caso das mulheres negras, tal presença é ainda mais rarefeita. Os números são, respectivamente, 0,4% e 1,6%.

Tudo isso é inegável. Mas a chamada “questão racial” apresenta, hoje, nuances intrigantes. Embora incipientes, elas estão nas ruas, agindo em conjunto. Eis a lista. Está saindo das universidades a primeira grande leva de negros formados dentro do sistema de cotas. Em paralelo, grupos de afrodescendentes apoderaram-se dos espaços digitais, dando novo alcance ao debate e às denúncias sobre o racismo. Políticas de gestão de diversidade, que resultam na inclusão de negros em postos qualificados de trabalho, também ganham tração em companhias instaladas no Brasil. Por fim, empresas, agências de publicidade e institutos de pesquisa começam a se interessar pelos afro-brasileiros sob um aspecto até aqui pouco usual — como consumidores.

Considere, agora, uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva, em 2017. Ela constatou que o tempo médio de estudo

dos negros passou de 5,9 anos, em 2002, para 8,6 anos, em 2015. Foi um salto de 35%. Entre os não negros, houve elevação, mas foi inferior: 22%. Além do mais, o percentual de pretos e pardos — como o IBGE define o grupo de negros — com diploma de graduação dobrou entre 2007 e 2015. Além do mais, 75% das pessoas que ascenderam à classe média na última década eram afro-brasileiros, ainda que parte dessa escalada tenha sido comprometida nos anos bicudos da recessão. Estima-se, por fim, que os negros movimentaram R\$ 1,6 trilhão no ano passado.

O mercado de trabalho é um aspecto importante nessa transformação, ainda que lenta. O antropólogo Pedro Jaime, autor de “Executivos Negros, Racismo e Diversidade no Mundo Empresarial” (Edusp), identificou uma alteração singular na forma como duas gerações de afrodescendentes alcançaram cargos de direção ou gerência nas empresas nacionais.

"Um grupo ascendeu nos anos 70 como resultado de iniciativas individuais", afirma Jaime. "O outro começa a ocupar postos semelhantes, mas sua trajetória é fruto de uma ação diferente, pois é coletiva."

Para o acadêmico, a guinada do individual para o coletivo foi resultado de dois fatores. Houve, por um lado, uma maior politização dos debates sobre racismo, em grande medida, intensificados pelas discussões sobre cotas. O outro componente foi a adoção por parte de empresas de políticas de diversidade. Esse tipo de técnica de gestão parte do princípio segundo o qual equipes heterogêneas de trabalhadores, e isso vale para etnia, gênero, credo, orientação sexual e idade, trazem benefícios para os negócios: diminuem a rotatividade de funcionários, atraem e retêm talentos e, entre outras vantagens, criam times mais propensos a inovar. De quebra, observa Jaime, a diversidade atenua tensões sociais como a demanda pela presença de "minorias" no ambiente empresarial.

A pesquisa do Instituto Ethos, cuja última edição é de 2016, constatou que somente 3,4% das 500 maiores companhias brasileiras têm metas e ações planejadas para ampliar a presença de negros em cargos executivos. O percentual é pequeno, mas essas firmas são gigantes em seus setores. A lista inclui grandes nomes como

"Um grupo ascendeu nos anos 70 (...) como resultado de iniciativas individuais; outro (...) é fruto de uma ação diferente, pois é coletiva", diz Jaime

Bayer, Basf, IBM, Google, Microsoft, Avon, Dow. Acrescente-se que, em algumas delas, está em curso uma ruptura cultural, com a formação de núcleos de funcionários encarregados de discutir e encaminhar a questão do racismo dentro das quatro paredes da empresa.

Ricardo Gonçalves, executivo-sênior de TI na Bayer; Raphaella Martins, gerente de contas da agência de publicidade J. Walter Thompson; e Leila Luz, da área de comunicação para a América Latina da Basf, integram grupos desse tipo. Gonçalves conta que só tomou consciência do problema racial dentro do ambiente corporativo.

"Como ralei muito durante toda a vida,

SILVIA COSTANTINI/VALOR



Djamila Ribeiro foi barrada em uma festa quando criança por ser negra e foi servida na calçada: "Alguma pessoa branca já passou por isso exclusivamente por ser branca?"

sempre achei que a ascensão no mercado de trabalho dependia apenas do esforço pessoal", afirma. Mas, à medida que ele participava das discussões sobre diversidade na empresa, mudou de opinião. "Comecei a fazer o teste do pescoço nos lugares onde frequentava e a questionar: realmente, onde estão os negros?"

Raphaella, por sua vez, havia trabalhado 15 anos em agências de publicidade e estava "cheia" de ser a única negra em um cargo executivo nesses locais. Ao entrar na J. Walter Thompson, em 2014, decidiu incluir afrodescendentes em sua equipe. Essa disposição encontrou ressonância na cúpula da companhia. Nessa época, Ricardo John, vice-presidente de criação da agência, tateava o tema diversidade. Não foi difícil que o interesse de ambos convergissem. Como resultado, os negros em postos estratégicos da empresa passaram de 2, em 2014, para 30 (20% dos funcionários) atualmente. "Mas a experiência não se resumiu aos números", diz Raphaella. "Ela desencadeou um processo de conscientização que atingiu todos na agência."

Em tais debates, porém, muitas vezes emergem rusgas — e não consensos. "Mas algum tipo de desconforto também pode ser útil", afirma Leila Luz, da Basf. Em uma ocasião, ela contratou um funcionário negro. Uma colega lhe indagou se a cor da pele do candidato havia influenciado na decisão. "Ora, pessoas brancas contratam brancos o tempo todo, e ninguém faz esse tipo de questionamento", diz Leila. "Nesse caso, expus o meu ponto de vista e foi bom. Isso ajudou a superar o problema." Ela observa, contudo, que o resultado líquido da atuação desses grupos nem sempre é animador. "Fico na expectativa de ouvir um diálogo transformador, mas, na prática, as pessoas tendem a reproduzir o senso comum."

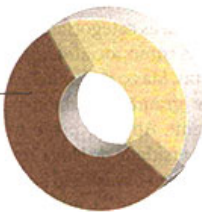
Por isso, se há uma discussão que os jovens negros consideram totalmente inócua é se existe racismo no Brasil. E o motivo é simples: eles são alvos permanentes de preconceitos. O consultor de comunicação Rodrigo Fernandes, por exemplo, estava em pé na frente de um restaurante de alto padrão nos Jardins, em São Paulo, onde almoçaria com um amigo. Um homem desceu de uma Mercedes e lhe entregou a chave do carro. "Fui confundido com o manobrista", afirma Fernandes.

O outro ponto de transformação é a tecnologia, que, como em tudo mais na atualidade, abre espaço para outras mudanças. "Até agora, as revoluções na mídia, com o rádio, a TV e a

Um desvão histórico



De acordo com o IBGE, os negros, compostos pela soma de pretos e pardos, representam **55,4%** da população brasileira, o equivalente a **113 milhões** de pessoas

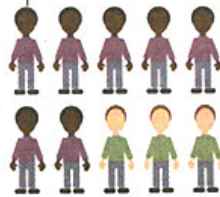


Violência

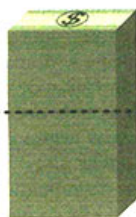
7 em cada 10 pessoas assassinadas no Brasil, são negras



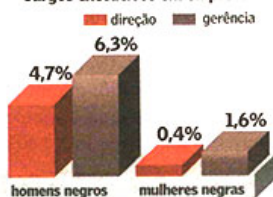
23,5% a mais de chances um negro tem de ser assassinado no Brasil do que um branco



Renda e trabalho



Cargos executivos em empresas



Saúde

Um estudo do Ministério da Saúde, de 2006, constatou que a cada 100 mulheres que davam à luz...



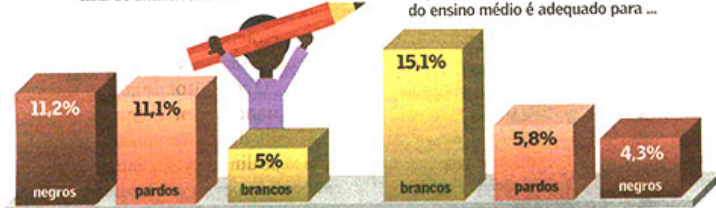
...16 mulheres brancas não recebiam anestesia.



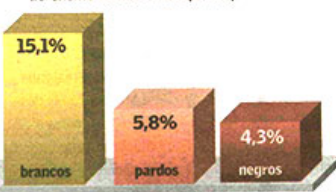
...e 23 mulheres negras também não recebiam anestesia.

Educação

taxa de analfabetismo



O aprendizado de matemática no fim do ensino médio é adequado para ...



IDH



0,675 era o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da população negra no Brasil em 2010, quase igual ao da população branca em 2000 (0,679)



Em 2010, o IDH dos brancos era de 0,777

Fontes: IBGE, Ipea, Im/Muto (Etnoviz)

primeira fase da internet, foram brancas", diz Adilson dos Santos Júnior, conhecido como AD Júnior, um expoente entre os influenciadores negros nas redes sociais. "A diferença é que, agora, temos isto", acrescenta, apontando para um smartphone. "Somos mais de 110 milhões de pretos e pardos no Brasil e ganhamos voz no mundo digital."

É longa a lista de afrodescendentes em alta nas redes sociais. Nesse caso, chama atenção a presença de mulheres como a arquiteta Stephanie Ribeiro e Djamila Ribeiro, ex-secretária adjunta de Direitos Humanos em São Paulo. Os coletivos da web, como Blogueiras Negras e Levante Negro, também compõem essa tribuna digital. O Levante, por exemplo, foi criado em 2015. Ele divulga trabalhos de negros em áreas como comunicação, educação ou gastronomia.

"A ideia é levar para a audiência uma representatividade concreta, que sirva de inspiração para jovens em início de carreira", afirma o escritor Oswaldo Faustino, autor de "A Legião Negra - A Luta dos Afro-Brasileiros na Revolução Constitucionalista de 1932" (Selo Negro). "Mas, por uma ironia cruel, o grupo tem sido alvo de ataques frequentes. As acusações como de 'vitimismo' se tornam rotina na vida de seus integrantes, que trabalham com a curadoria e produção de conteúdo educativo de alta qualidade."

AD Júnior é especialista em marketing digital formado pela Universidade da Califórnia, em Irvine (EUA). Hoje, vive na Alemanha. Em 2012, criou um canal sobre viagens no Facebook. Assustou-se com os comentários. "Algumas pessoas perguntavam como um 'macaco' podia falar inglês", afirma. As ofensas amontoaram-se até que AD resolveu transformar o canal em uma plataforma antirracista.

Djamila Ribeiro, destaque entre as atuais blogueiras negras, conta em um de seus textos que, na infância, uma amiga lhe convidou para ir a uma festa. Chegando lá, ela e seus irmãos não entraram na casa, pois um tio da garota não gostava de negros. Djamilila e os irmãos foram servidos na calçada. Isso até que, indignados, debandaram dali. É Djamilila quem faz a pergunta que compõe o segundo teste desta reportagem: "Alguma pessoa branca já passou por isso exclusivamente por ser branca?"

Não raramente, situações dessa intensidade levam à resignação. Em outros casos, produzem um reforço identitário. Patrícia Santos, especialista em RH, perdeu um emprego por ter feito trancinhas nos cabelos. "Minha chefe disse que eu não estava de acordo com o 'dress code' da empresa", afirma. Em resposta, e com o tempo, ela

fundou a *Empregue Afro*, consultoria de RH especializada na colocação de negros no mercado de trabalho. Fernando Montenegro, por sua vez, não se conformou com o fato de pretos e pardos serem invisíveis para muitos setores do mercado. Ele criou um instituto de pesquisas focado na análise do comportamento de consumo de afro-brasileiros. Trata-se do *Think Etnus*.

Cansada de papéis secundários e estereotipados, a atriz Maria Gal também reagiu. Ela começou a produzir, e vai protagonizar, um filme sobre Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Negra, favelada, semianalfabeta, Carolina registrava seu cotidiano em papéis colhidos no lixo. Transformou-se em escritora, traduzida em vários idiomas, autora de livros de como “Quarto de Despejo” (1960).

“Só 4,4% dos filmes produzidos no Brasil têm atrizes negras no seu elenco principal”, afirma Maria Gal, justificando sua decisão de empreender. “E já desisti de um teste, porque o diretor achava a pele branca mais comercial do que a minha.”

O debate sobre o racismo no Brasil sempre se deu no campo do interdito, patinando entre falsas premissas, ambivalências e tabus. No fim do século XIX, a ciência construiu a ideia de que as raças eram biologicamente determinadas. Por aqui, tal lógica, o racismo, encontrou guarida no médico Nina Rodrigues (1862-1906), de origem negra. Tal corrente considerava os negros inferiores. Assim, difundiu-se a tese de que era preciso branquear a população no país. Algo que de fato foi tentado por meio, por exemplo, da política de atração de imigrantes europeus.

A partir da segunda metade do século XX, essa teoria desmoronou. Com os avanços da ciência, as categorias raciais passaram a ser vistas como socialmente construídas, e não inatas. Mas o desmanche do racismo não teve grande utilidade prática. Como diz Kwame Appiah, professor de filosofia da Universidade de Nova York (autor de “*Lines of Descent: W.E.B. Du Bois and the Emergence of Identity*”), continuamos a nos classificar por raças, apesar do que nos diz a genética. Queiramos ou não, como afirma a antropóloga brasileira Lília Moritz Schwartz, na prática, raça ainda é um conceito poderoso e persiste como marcador social.

Já durante boa parte do século XX, os brasileiros viveram sob o doce mito da democracia racial. Grosso modo, ele propagava ao mundo que o Brasil escapara do preconceito e da discriminação. À primeira vista, esse conceito pode parecer um produto genuinamente nacional. Mas não é. Deborah Yashar, professora de política na Universidade Princeton, apontou em um artigo publicado na revista “*Foreign Affairs*” (“*Does Race Matter in Latin America?*”) que a mesma fábula seduziu diversos países latino-americanos. Eles difundiram mitos gêmeos de unidade nacional e homogeneidade étnica como parte do processo de construção da identidade nacional.

Em 1925, por exemplo, o filósofo mexicano José Vasconcelos cunhou o termo “*raça cósmica*” para glorificar o caráter inter-racial daquele país. Os venezuelanos usavam a expressão “*café con leche*” para celebrar o amálgama entre africanos, europeus e índios. Disse o general equatoriano Guillermo Rodríguez Lara, após assumir o poder em 1972: “Não há mais um problema indígena. Todos nos tornamos homens brancos

quando aceitamos os objetivos da cultura nacional”. No Peru, o general e ex-presidente Juan Velasco Alvarado (1968 a 1975) foi mais longe. Proibiu o termo “índio” nos discursos oficiais. Em 1969, alterou o nome do Dia do Índio para Dia do Camponês.

Por aqui, coube a Gilberto Freyre, o autor de “*Casa-Grande & Senzala*”, interpretar o Brasil como um país mestiço e o brasileiro, como uma metarraça. O paraíso racial erguido por Freyre começou a desabar nos anos 50, com os sociólogos Roger Bastide e Florestan Fernandes (este autor do clássico “*A Integração do Negro na Sociedade de Classes*”). Na mesma toada desmistificadora, seguiram Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. FHC, aliás, foi o primeiro presidente brasileiro a admitir a existência do racismo no país.

Hoje, por mais que despontem ações individuais, o que se chama de movimento negro é um conjunto de grupos que atuam em áreas diversas. Eles se articulam em situações pontuais e mantêm entre si uma espécie de comunhão de princípios. “Ainda assim, resta o desafio de construção de uma síntese”, diz Douglas Belchior, da Uneafró, entidade que prepara jovens negros para vestibulares e concursos públicos.

Nesse sentido, cogita-se da formação da Frente Alternativa Preta, o esboço para a formação de um partido de base étnica. A pauta de boa parte desses grupos inclui reivindicações por avanços tanto nas ações afirmativas como em políticas de reparação histórica. As primeiras são pontuais e transitórias, como as cotas, as outras visam atacar desigualdades estruturais, com iniciativas de longo prazo e investimentos permanentes em áreas específicas.

Depois da abolição

Com o fim da escravidão, os negros foram abandonados à própria sorte. Desde então, mudou o perfil das organizações do movimento negro. Nos anos 90, elas se tornaram uma espécie de constelação de ONGs

Anos 20

Forma-se uma imprensa ligada à comunidade negra. A luta contra o racismo leva à criação da Frente Negra Brasileira (FNB) em 1931. Ela defendia a “elevação da raça”, o progresso material e a integração do negro à sociedade

Anos 40

Surge o Teatro Experimental Negro (TEN), no Rio, em 1944, um laboratório para a formação de atores, diretores e produtores negros, vindos das camadas mais populares da sociedade. O TEN organizava congressos e debates contra o racismo

Anos 70

Em 1978, é criado o Movimento Negro Unificado (MNU), após a morte de um trabalhador em uma delegacia de São Paulo e da expulsão de jovens afro-brasileiros do Clube Tietê. Ligado à esquerda, o MNU ganhou visibilidade com a organização de atos públicos

Anos 80

O movimento negro toma a forma de uma constelação de ONGs. Há uma profissionalização da militância. Parte dessas entidades surge com os debates que antecederam a Constituinte, em 1988. Esse foi o caso do Geledés Instituto da Mulher Negra

Anos 90

Em 1995 é realizada a Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, em Brasília, na ocasião dos 300 anos da morte do líder do Quilombo dos Palmares. Participam perto de 30 mil pessoas

Anos 2000

O discurso marxista que denunciava a exploração dos negros e dos trabalhadores em geral perde espaço. Em seu lugar, fortalecem-se as reivindicações por ações afirmativas. Elas vinham ganhando espaço no movimento negro desde a década anterior

Anos 2010

O processo que levou à criação de cotas nas universidades públicas federais, concluído em 2012, provocou um dos maiores debates sobre racismo já realizados no país. Novas vozes do movimento negro proliferam nas redes sociais

Fonte: Pedro Jaime (“Executivos Negros – Racismo e Diversidade no Mundo Empresarial”)

Políticas de ação afirmativa, embora tenham nascido nos Estados Unidos, nos anos 60, são um fenômeno global. Foram largamente usadas na Malásia, por exemplo, no fim do século passado. Hoje, o tema atravessa o mundo, atingindo inclusive a Europa, palco de permanentes fluxos migratórios. Como diz o filósofo indiano Kenan Malik, ali, tal debate é fruto do "fiasco do multiculturalismo", em que estão atolados os países europeus.

Para Graham K. Brown, da Universidade da Austrália Ocidental, e Armim Langer, da Universidade de Leuven, na Bélgica, autores do livro "Building Sustainable Peace", tais programas de ação afirmativa tiveram sucessos semelhantes e foram vítimas de fracassos similares. A maioria reduziu disparidades econômicas, ainda que com frequência menor do que seus formuladores gostariam. As ações, observa a dupla, tendem a realçar divisões étnicas, embora a inquietação racial possa ceder à medida que a desigualdade diminui.

No Brasil, seis anos depois de o Supremo Tribunal Federal (STF) ter confirmado constitucionalidade da lei de cotas, em 2012, os balanços da maior ação afirmativa já adotada no país têm sido positivos. Os dados indicam que, entre 2012 e 2015, o número de estudantes pretos ou pardos passou de 933 mil para 2,1 milhões nas universidades federais. Foi um salto de 132%. Diversas pesquisas afastaram temores segundo os quais os cotistas teriam um desempenho acadêmico pífio ou engrossariam as estatísticas de evasão.

A maior dificuldade do sistema diz respeito à definição de quem é negro, uma tarefa árdua em um país de "quase pretos". Para escapar dessa sinuca, as universidades recorrem a entrevistas para avaliar o fenótipo dos estudantes (como nariz, cabelos), uma análise sujeita a imprecisões ou a autodeclaração do candidato, que dá margem a fraudes. Mas problemas desse tipo, afirmam especialistas, não comprometem até aqui a tentativa de equalizar, ainda que minimamente, as oportunidades de educação no Brasil.

Mas um alerta indigesto sobre a questão racial soou no mês passado, em um artigo do economista Joseph Stiglitz, vencedor do Nobel, em 2001, com o título "Quando vamos superar o racismo?". No texto, ele indica que, em 50 anos de combate a discriminações nos Estados Unidos, houve avanços em alguns setores (caso da política, com a eleição de Barack Obama), em muitas áreas o quadro permaneceu o mesmo (disparidades na educação e no



Lupita Nyong'o, Chadwick Boseman e Letitia Wright, atores do longa-metragem "Pantera Negra": "utopia da negritude"

emprego) e, em outras, a situação agravou-se (desigualdade de renda e riqueza). Esse balanço é detalhado no livro "Healing our Divided Society", organizado por Fred Harris, ex-senador e professor da Universidade do Novo México, e Alan Curtis, o CEO da Fundação Eisenhower. Stiglitz, que colaborou com o projeto, define a leitura do texto como "sombria".

Quanto às aspirações dos afrodescendentes, eles parecem ter sido captados recentemente por uma fonte insólita: Hollywood. Considerando o efeito produzido nas plateias, "Pantera Negra" consolida uma espécie de "utopia da negritude". No filme, um super-herói assume o trono de Wakanda, um pequeno país africano. Ele se faz passar por pobre e rural, mas detém uma tecnologia tão evoluída quanto poderosa. O protagonista vive um dilema. Deve guardar o segredo dessa riqueza, e com isso garantir a prosperidade e a segurança de seu povo, ou precisa compartilhar esse conhecimento com o mundo, notadamente com comunidades negras massacradas planeta afora. Mais do que um delírio de poder pan-africano, a história atrai pela forma como apresenta homens e mulheres negros. Eles surgem na tela como orgulhosos protagonistas de seus destinos. Não parece ser outro o anseio na vida real. ■



Em 50 anos de combate a discriminações houve avanços e perdas, diz Stiglitz